



Bluménau

em Cadernos

Tomo VIII

Nº. 1

MALHAS

Sul Fabril

XXXXXXXX

RUA ITAJAI 948 - BLUMENAU - S.C.

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII



N.º 1

NOVA CAMINHADA

Com o presente número, "Blumenau em Cadernos" dá início à publicação do seu VIIIº Tomo.

A etapa que acabamos de vencer foi bastante difícil. E só pudemos completá-la graças à generosidade dos bravos integrantes do Lions Club Blumenau Centro que, tomando a iniciativa de solicitar a ajuda do comércio e das indústrias locais, abriram possibilidades à continuação da existência deste periódico.

Não poderíamos, pois, iniciando nova caminhada, deixar de expressar, aqui, o nosso sincero reconhecimento a êsse Clube de Serviço pela inestimável ajuda que nos prestou. Os nossos agradecimentos se dirigem, de um modo especial, ao tesoureiro dessa entidade, sr. Lothar Schmidt que, com sacrifício de seu precioso tempo, com o despreendimento e o espírito de cooperação de um verdadeiro "leão", deu-se ao trabalho de recolher as contribuições que, tão generosamente, deram a esta publicação vários e destacados comerciantes desta cidade.

A êsses dignos representantes das nossas classes produtoras, cujas firmas figurarão em destaque na contra-capa desta edição, "Blumenau em Cadernos" também expressa a sua profunda e imorredoura gratidão.

O exemplo, de tanto altruísmo e amor às boas causas, dado, tanto pelo Lions Club Blumenau-Centro, quanto pelos comerciantes e industriais que, com êle, colaboraram na manutenção desta revista, é digno de registro porque traduz o interesse e o amor que Blumenau tem pelas iniciativas que realmente contribuam para o nosso adiantamento econômico e moral.

"Blumenau em Cadernos" se orgulha dos seus oitos anos de existência, de ter cumprido uma missão de elevado sentido cultural e patriótico.

Permita Deus que outros elementos compreensivos e generosos nos amparem na nova jornada que estamos iniciando! E permita Deus que, por uma conduta digna das elevadas diretrizes que nos traçamos, possamos corresponder à confiança com que temos sido honrados e ao amparo que não nos tem faltado!

A ALCUNHA DE «BARRIGA VERDE»

Carlos da Costa Pereira

Não deixa de causar estranheza aos naturais de outras circunscrições do País a alcunha de *barriga-verde* aplicada aos filhos do Estado de Santa Catarina, havendo até quem acredite que o nosso ventre seja, efetivamente, daquela côr (1).

Parece que, à vista de tão extravagante designação, procuraram, na antiga Destêrro, emprestar-lhe uma origem, que se divulgou e tem sido comumente aceita.

Conta Afonso de E. Taunay em seus "Reparos ao *Nôvo Dicionário* de Cândido de Figueiredo", que, por haver nascido em Santa Catarina, quando seu pai se achava na presidência da Província, alguns amigos da família o chamavam, "amistosa e pilhericamente", de "infante *barriga-verde*", e que, ao visitar o Dr. Hercílio Luz, na última viagem que êste fizera a São Paulo, o Governador catarinense convidara-o a passar aos seus aposentos reservados, no hotel em que se achava hospedado, dizendo-lhe: "Entre sem cerimônia. Estamos em família. Somos todos *barrigas-verdes*".

Com isso, o Dr. Afonso Taunay procurava provar que a alcunha não era "designação depreciativa dos habitantes de Santa Catarina", segundo registrara o dicionarista português, e, apoiado em Lucas Boiteux, acrescentava o nosso eminente coestaduanos que a origem da alcunha provinha do peitilho verde do uniforme do Regimento que andara lutando com tanto heroísmo nas guerras do Sul, tornando-se extensivo ao povo catarinense o "epíteto honroso".

Para os catarinenses do planalto, alguns anos atrás, *barrigas-verdes* eram os seus coestaduanos do litoral. Talvez se encontre aí, em parte, a explicação porque o Dr. Aureliano Leite, de São Paulo, estava persuadido, ao enviar a Gustavo Barroso a carta que êste transcrevera em seu livro "Através dos Folk-lores", que tal apelido, aplicado não só aos catarinenses, mas também aos paranaenses e rio-grandenses, proviesse do fato de os mesmos habitarem "a parte *baixa* do País, a parte úmida e fria - terra de sapos, como chamamos, nós do Centro e Norte da República". E afigurava-se-lhe não ser inteiramente destituída de lógica a persuasão de que o apelido *barriga-verde* se originasse da "côr esmeraldina do ventre dos batráquios"...

Contestando o missivista, dizia Gustavo Barroso que o ventre dos sapos não é esmeraldino e que a alcunha não abrangia os paranaenses e rio-grandenses, e acrescentava "que os catarinenses devem seu apelido de *barrigas-verdes*, não à côr de seus ventres, que nunca foram esmeraldinos, porém à da veste, ou colete do uniforme, dos seus terços coloniais, cujos soldados se ufanavam de haver marchado primeiro que os outros contra os castelhanos que invadiram a capitania de São Pedro do Sul".

A alcunha teria tido, efetivamente, essa origem? Oswaldo Cabral nega-o, com bons fundamentos, tendo também provado através de documen-

tação iconográfica em côres, obtida em Portugal, que, pelo menos, os componentes dos Terços de Ordenanças então existentes em Santa Catarina, isto é, no Destêrro, na Laguna e em São Francisco, dos quais saíra parte do efetivo do aludido Regimento, não usavam peitilho verde, como complemento de seu uniforme.

E o saudoso mestre Henrique Fontes, na valiosa obra - "A Irmandade do Senhor dos Passos e seu Hospital, e Aquêles que os Fundaram" - dada a lume poucas semanas antes de seu falecimento, referindo-se ao nosso antigo Regimento de Infantaria, diz o seguinte em nota ao pé da pág. 135: "A êste Regimento dão Historiadores modernos o nome de *Regimento Barriga-verde*, nome "devido ao peitilho verde do seu uniforme" (Lucas Boiteux, *Hist.*, pág. 110); mas tal alcunha, que se teria generalizado para os Catarinenses, ainda não a encontramos em nenhum velho documento nem em nenhuma velha referência".

Dêsse Regimento existe uma *Memória Histórica*, de autoria de Manoel Joaquim de Almeida Coelho, É o relato dos sofrimentos passados e do heroísmo, revelado pelos catarinenses nas lutas do Sul, e um libelo contra os que então procuravam obscurecer a ação dos nossos soldados nos campos de batalha não deixando o autor, entretanto, de adotar alguns episódios pittorescos ocorridos durante a campanha (2).

Se realmente os bravos catarinenses receberam alí, no fragor das batalhas, a alcunha de *barriga-verde*, em virtude da côr de uma das peças de seu uniforme, por que razão Almeida Coelho teria deixado de registrar êsse fato, uma vez que não se escusara de omitir outros casos anedóticos?

O que o A. refere, em matéria de fardamento dos nossos soldados, é decepcionante. Diz o memorialista que, desde sua criação até 1814, "O Regimento foi vestido, fardado e calçado à sua custa (...)", sendo os uniformes "decentes e insentos de luxo, e acomodados aos pequenos e mal pagos soldados". Páginas adiante, acrescenta: "Muitos anos havia, como disse, que o infeliz Regimento de Santa Catarina não recebia fardamento, vestuário, nem calçado: e em Paisandu começou a sentir os efeitos da tirania com que era tratado: quase nus e descalços se viam os pobres soldados, quando no dia 13 de julho (de 1812) se pôs o Exército de marcha para a Capitania do Rio Grande. Jamais se viu, sem motivos poderosos, alguém tão maltratado, como os soldados do Regimento:(...)". E prosseguindo a sua narrativa: "(...) Sôbre uma travessia de campo desabrigado, no inverno, (sofreu o Regimento) tôda sorte de privações, e muitos soldados (se achavam) envolvidos em sujas peles de carneiros, que mais pareciam espectros armados que homens (...)".

Tais referências ao uniforme dos bravos soldados do Regimento, não se harmonizam com a descrição que, do mesmo, Cristóvão Nunes Pires, mais tarde, viria a fazer.

O termo *alcunha*, segundo os lexicógrafos, tem sentido geralmente depreciativo. E quem se der ao trabalho de proceder a pesquisas na preciosa coleção de jornais de Santa Catarina, existente na Biblioteca Pública do Estado, verificará que até o ano de 1886, salvo êrro, em editoriais ou em notícias, foi sempre o termo *catarinense*, quer como substantivo, quer como adjetivo pátrio, o único empregado para designar os naturais da Província ou

qualificar as suas coisas. Isto nos induz a acreditar que, a princípio, a alcunha não nos agradava e, certamente, tinha razão aquele caixeiro-viajante ao anotar que os catarinenses "davam o cavaco" quando os chamavam de *barrigas-verdes*, segundo uns "apontamentos" publicados pelo "País", do Rio de Janeiro, de 16 de abril de 1891, e reproduzidos na "Gazeta do Sul", do Destêro, de 24 do mesmo mês (3).

A observação do cometa levou Cristóvão Nunes Pires, que, em 1886, pelo "Jornal do Comércio", da antiga Destêro, já havia tido ensejo de historiar os feitos do Regimento da Província de Santa Catarina, - a retornar ao assunto pela "República", de 3 de maio de 1891, com o propósito de deixar bem claro que não havia razão de nos sentirmos humilhados nem "darmos o cavaco" com êsse apelido. - "Como neste mundo - dizia - há muita gente que ri sem saber de que ri e é obra de caridade ensinar os que erram", Nunes Pires reproduzia, como réplica à observação do caixeiro-viajante, o que escrevera no "Jornal do Comércio", em homenagem às gloriosas tradições do Regimento "que nos legou o honroso título de *Barriga-verde*, distintivo glorioso ganho pelos nossos antepassados nos campos de batalha, nas guerras do Sul, em defesa da Pátria e em cumprimento do dever militar".

Lembrava ainda o articulista que, ao lado da coluna dos voluntários da Pátria mortos na guerra do Paraguai, se devia erigir a figura do soldado do antigo Regimento, e seria louvável reeditar a "Memória Histórica do Extinto Regimento de Infantaria de Linha da Província de Santa Catarina", de autoria de Almeida Coelho, "a fim de vulgarizá-la e tornar conhecidos os heróicos feitos de um corpo que tanto ilustrou o nome catarinense nos campos do Sul" (4).

Entretanto, como já vimos, no trabalho do historiador do Regimento não se encontra nenhuma alusão a êsse designativo. Constava, era voz corrente, dizia-se que a sua origem se prendia ao peitilho, ou colete, ou veste, ou faixa verde, que completava o fardamento dos soldados catarinenses. - "Segundo a tradição - lê-se no artigo de Nunes Pires publicado na "República" - o uniforme do Regimento era boné de três bicos, tardeta preta, calça branca ou amarela e colete *verde* cobrindo a *barriga*, de onde proveio o título de *barriga-verde* que vulgarizou-se no exército onde cada batalhão era apelidado pelo uniforme que usava. Dizem outros que era uma *faixa verde* pelo peito abaixo e que o boné era chapéu de Braga à Napoleão Bonaparte, que estava em uso naquela época."

Os "apontamentos" do indiscreto caixeiro-viajante transcritos na "Gazeta do Sul", provocaram forte reação em nosso meio, levando não só Cristóvão Nunes Pires a escrever sobre o assunto, como ainda o Major Camilo José de Souza a desenhar um quadro representando o soldado do antigo Regimento metido no uniforme "que deu causa a conhecida denominação de *barriga-verde*, a qual com o tempo fêz-se extensiva a todos os filhos de Santa Catarina", conforme noticiava a "República", de 19 de maio de 1891, sendo intenção do desenhista oferecer o seu trabalho a todos os estabelecimentos públicos da capital.

E' bem possível que a alcunha tenha sido, originariamente, imposta aos habitantes da ilha de Santa Catarina, devendo-se atentar para a cir-

cunståncia de ser pouquíssimo freqüente o seu emprêgo pela população de grande parte das outras cidades litorâneas, que, de preferênciã, usa o adjetivo pátrio - *catarinense*.

A verdade é que, a princípio, desagradável aos catarinenses, ou melhor, aos desterrenses, a ponto de nunca a empregarem na linguagem escrita, foi só de 1886 em diante que a alcunha começou a ser aceita sem relutância, graças a Cristovão Nunes Pires e, mais tarde, a outros coestaduanos dedicados ao jornalismo e às letras históricas, que lhe vulgarizaram a já mencionada origem, esteados numa tradição.

(1) Não faz muito tempo, as alunas de um estabelecimento de ensino, em Pelotas, instavam com duas pequenas colegas, naturais de Santa Catarina, para que lhes satisfizessem a curiosidade, mostrando-lhes tão extraordinária particularidade... E, em outra cidade sul-rio-grandense, cujo nome não nos ocorre no momento, respeitavel senhor, tendo travado relações com um catarinense ali residente, só descansou depois de verificar, admirado, que a barriga do nosso coestaduanos não era da côr que diziam...

(2) De alguns dêsses episódios, destacamos os seguintes: - Numa noite muito escura, recolhera-se à barraca um velhote com uma perna mais curta que a outra. Dizia êle não saber o que tinha: não podia andar e, no entanto, não sentia dores. Ao irem fazer-lhe uma fricção, verificaram que o velho saíra com tamancos muito altos e perdera um no caminho, sendo essa a razão por que viera manquejando... - De outra feita, em marcha, um soldado da 7a. Companhia caíra como morto. A marcha era forçada e trataram logo de abrir uma cova; e quando iam enterrar o soldado, êste se levanta e pergunta, assustado: "Que diabo é isso?" Rosponde o oficial inferior, encarregado do sepultamento: "E' nada, tinhas morrido e íamos meter-te nesse buraco; mas como ressuscitaste, caminha, caminha, e não tornes a morrer(...)". - Outro caso narrado pelo A. é o do valente granadeiro José Dias de Arzão, natural da cidade de S. Francisco. Era um "môço alto e bonito, mas tinha as canelas muito fracas; contudo, uma bala de tuzilaria, no combate do dia 28, varou-lhe a barriga da perna direita, e no assalto de S. Carlos, ano e meio depois, outra bala varou-lhe a barriga da perna esquerda. - Com efeito! - disse-lhe o intrépido cabo Pedro Fernandes - parece que o inimigo te procura as pernas para que não fujas! - Enganas-te - lhe responde Arzão - o inimigo procura-me as pernas para que eu o não procure."

(3) E' esta a íntegra da publicação acima referida: "COISAS LEVES. - Do caderno de notas de um caixeiro-viajante, meu amigo e companheiro de casa, extrai os seguintes apontamentos: *Rio Grande do Sul*. - Muito prosas com a guerra dos tarrapos, Bento Gonçalves, churrascos, gauchos, bonitas estâncias, gente muito dada às fardas e aos cavalos, terra de muitas trovoadas, vento e chuvas sem fim. Barra danada. Tem comido contos de réis aos milhares. Areias impossíveis. Gaspar Martins mandava sol noutro tempo. Frutas muitas, boas e baratas. Normandia brasileira. Estado muito teutônico. Francês não faz muita farofa. Frio de rachar. - *Santa Catarina*. - Dão o cavaco quando se os chama de *barrigas-verdes*. Peixe barato. Manteiga especial. Rapaz solteiro precisa anlar num pé só. Em dois

tempos está casado. Refôrço para a marinha. - *Paraná*. - Erva-mate em ma-
to. Tipo forte. Gostam muito de brigar. Principalmente com Santa Catarina.
Cuida-se muito em política. - *São Paulo*. - Café em grão. Muito dinheiro.
Vai na ponta. Gênio empreendedor. Querem ser *ianques* à tórça. Gente mui-
to sabida. Não há nada como São Paulo. Já têm 21 anos. Quer emancipar-se
para cair na pândega. Não há meio de convertê-lo. Há de ir até Damasco.
Prudente de Moraes, Campos Sales e outros cabeçudos."

(4) Essa "Memória" foi reproduzida em um dos ns. da revista
de José Boiteux - "Arquivo Catarinense", Rio de Janeiro, 1908. - e no "Al-
manaque de Santa Catarina para o ano de 1910", publicado sob a direção
do Dr. J. Thiago da Fonseca.

O MORRO DO SPITZKOPF

Já dissemos que o Spitzkopf é o ponto culminante da Bacia do Itajaí, com 940 metros de altitude. Isso não levando em consideração o Morro do Funil, na Serra Geral, no divisor das águas entre as bacias do Itajaí e a do Uruguai, que tem 1.062 metros de altitude. Sobre a nota que a esse respeito publicamos na pag. 203, do n.º 10, do tomo VII, de "Blumenau em Cadernos", o nosso velho amigo Herbert Boehm, de Maringá, nos escreve: «Tanto quanto sei, o "Spitzkopf" é um morro mais ou menos isolado, situado por inteiro no território blumenauense. Não serve de divisor de águas entre o Itajaí Açu e o Mirim, nem de divisa entre Blumenau e Garuva". Realmente, assim é. Quase todos os mapas do Estado e mesmo do Município, localizam muito mal o morro em questão, situando-o nas nascentes do Rib. Garcia. Este Ribeirão nasce muito ao Sul do Spitzkopf. O ribeirão Caeté, afluente do Garcia é que tem as suas nascentes mais próximas das fraldas do Spitzkopf. Também as nascentes do Ribeirão da Velha estão mais próximas dêsse Morro do que as do Ribeirão Garcia. O Ribeirão da Prata, igualmente tributário do Garcia, também tem suas origens ao Sul do Spitzkopf.

Dessa forma todo o Morro do Spitzkopf e suas adjacências até o divisor d'aguas entre Blumenau e Garuva, fica inteiramente no território blumenauense. Fica, assim retificada a nota acima referida.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1,000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

INTERCÂMBIO CULTURAL

H. P. Zimmermann

Sempre que manuseamos um compêndio de História dos países europeus, causa-nos admiração a precisão com que neles são fixados os diferentes fatos históricos e a riqueza de detalhes que contêm para a elucidação das implicações sociológicas e etnológicas dêles decorrentes. Quando nos foi dada a oportunidade de conhecer de perto êsses países e visitar as suas organizações culturais, as suas Universidades e as suas bibliotecas tivemos a explicação dêste fenômeno. E' que, em tôda parte nas cidades como nas aldeias, sempre houve um encarregado de escrever com farta riqueza de detalhes, a crônica das mesmas. Essas crônicas, na maioria dos casos, ficavam guardadas nas prefeituras municipais nas sedes das paróquias, nos antigos conventos e lugares semelhantes. Muitas delas, mais tarde eram recolhidas pelos centros de pesquisas históricas e sociológicas, para se escrever a história dos países em cujas comunas elas nasceram. Lá existem velhos conventos e grandes bibliotecas, que possuem riquíssimo acervo de velhos manuscritos e impressos, que relatam todos os fatos que dizem respeito às comunas às regiões e às grandes cidades, muitos dêles tão preciosos, que são guardados à sete chaves e somente acessíveis aos estudiosos em condições especiais e sob forte guarda, tão grande é o seu valor histórico.

Êste costume, de se escrever a crônica de uma cidade ou de uma comuna ainda não generalizou-se em nosso país. Só esparsamente em determinadas localidades é que encontramos algo de semelhante, porém sempre em forma de relatos mais ou menos unilaterais e sem os detalhes necessários para a fixação da história fiel e certa. Assim os historiadores de uma maneira geral apenas dispõem dos arquivos públicos para a realização de suas pesquisas, e êsses, é obvio, nem sempre oferecem os elementos necessários para o estado completo dos fatos em geral relativos à história à sociologia com observância do fator ambiental e demográfico, dos fatores bio-psicológicos do plano social das dimensões micro e macro-sociológicas, dos grupos formais e dos grupos concretos, das classes sociais, das sociedades globais e da realidade cultural.

Por todas essas razões, é altamente louvável que em Blumenau, centro social, cultural e econômico dos mais importantes no vale do rio Itajaí onde foram fixados — e se radicaram — numerosos imigrantes alemães e italianos com as suas famílias, a publicação mensal «Cadernos em Blumenau» preencha a lacuna que até um passado recente ali se fazia sentir, de reunir todos os relatos do passado e os dos fatos presentes e assim oferecer aos historiadores os elementos necessários para escrever a história verdadeira e fiel daquela região, com todos os detalhes necessários para se escrever uma História completa.

O idealizador e diretor dessas utilíssimas publicações, é o culto e dinâmico historiador José Ferreira da Silva, não apenas um bom conhecedor de tôda a história daquela região, como é, também, um pesquisador sério, avêso ao costume de muitos outros pseudo historiadores de fantasiar a his-

tória de transformá-la numa espécie de romance agradável para ser lido, mas despidos, na maioria dos casos, de um conteúdo real. Fixando no «Cadernos em Blumenau» os fatos históricos, descreve, também, a sociedade e a vida das pessoas que «lizeram» a história da região, os seus usos e costumes, o seu trabalho e as suas influências na vida cultural e econômica, na política e na ambientação do elemento humano que ali se fixou. Para tanto conta com um grupo de ilustres colaboradores amantes de sua região e interessados em que se escreva a sua história tal qual ela realmente se desenvolveu. A riqueza dos detalhes históricos e sociológicos que essas publicações contêm, formam num rico manancial de fatos que a história geral deve e precisa fixar para que a História do Brasil seja uma história completa.

Ao observar o que acontece em Blumenau, não podemos nos furtar de aplaudir com todo o nosso entusiasmo de bom brasileiro que nos prezamos de ser, que um homem disposto a tomar sobre os seus ombros o pesado encargo de publicar mensalmente um desses cadernos como é o Sr. Ferreira da Silva, realize uma obra, na qual a posteridade terá um retrato fiel de todos os aspectos de Blumenau do vale do Itajaí e de todas as suas regiões adjacentes. Não podemos porém, deixar de lastimar, a obra semelhante não seja realizada em todas as regiões deste grande Brasil, desde o Norte até o Sul, da costa do Atlântico às remotas regiões de centro e de suas confrontações no Oeste. Se em todas as regiões alguém se dispusesse a fazê-lo; não tardaria de surgir uma História do Brasil real e completa que retrataria um Brasil, que numerosos de seus habitantes ainda não conhecem e que, também no estrangeiro ainda não é conhecido como ele realmente é.

PESCADOR

Ao vale do Itajaí, ou melhor a Blumenau, que com o seu perfil de sonho tem encantado meus dias

Nise - (maio)

Que buscas
pescador
singrando a treva
com teu barquinho
casca de noz iluminada
pontinho oscilante
tremelicando
na palidez do Itajaí-Açu?
lemanja,
da basta cabeleira verde
esperança comprida
a ondular as águas
sereia de canção
inebriante
prefere o mar
onde espreita
os prisioneiros
com a tentação
esboçada
no traiçoeiro olhar.
Que buscas?
Ah, são restritos
teu sonhos
sei,

talvez que como eu
já tenhas tu
te apercebido
da imensidão
do céu
cravado
de estrêlas
e da impossibilidade
de encher as mãos
com o brilho precioso
das estrêlas cadentes
Porisso para ti
a deusa das águas é mito,
preferes o rio
com a sua superfície sem mistérios
êste rio macio e terno
que se espreguiça na areia
e sempre te presenteia
com a multidão de peixinhos
pulando na tua rêde ...
Êste rio que abastece
tua matéria
e preenche teu sonho.

Nise Heinburg

À BEIRA DO TÚMULO DO

PROF. HENRIQUE DA SILVA FONTES

(Discurso proferido pelo Prof. Oswaldo R. Cabral)

Meu velho mestre dos dias saudosos da Escola Normal;
meu velho chefe dos trabalhos do Recenseamento;
meu velho confrade das noitadas inesquecíveis do Instituto Histórico;
meu velho professor e diretor da Faculdade de Filosofia;
meu querido, velho e sempre respeitado amigo.

Eu não trago delegação de ninguém, não aceitei vir à beira do teu túmulo para falar em nome de quem quer que fôsse, não estou aqui em nome de ninguém - senão em meu próprio, senão em nome de uma velha e sólida amizade que resistiu, durou e até excedeu à metade de um século!

É em nome dela que eu venho trazer-te, meu bom amigo, o meu adeus!

Anos passados, quando se inaugurou o edifício da faculdade de Filosofia, na presença das mais altas autoridades, o teu primeiro gesto, quebrando o protocolo à vista de todos, foi tomar o telefone para estabelecer o primeiro chamado, para realizar o primeiro contacto.

E êste foi, carinhosamente, para a tua espôsa, havia anos, enfôrma, para comunicar-lhe que havia sido concretizado mais um dos teus sonhos, sonho do qual ela participara com a sua solidariedade.

Desde aquêlê instante eu compreendi e suspeitei que, no dia em que ela partisse, tu não irias resistir por muito tempo ao chamado do amor e da saudade, que, fatalmente, ela te dirigiria do além.

Não me enganei, infelizmente, e eis que partiste, mais depressa do que supúnhamos e, talvez, mais tardiamente do que tu mesmo chegaste a desejar.

Áinda domingo me afirmavas que estavas conformado

com a vontade de Deus, como sempre, em outros tranSES dolorosos, mostraste estar: - é que havias chegado ao fim da resistência ao apêlo da companheira de tôdas as horas, que na Eternidade te acenava, para as novas bodas no seio do Altíssimo.

E agora, viemos depor aqui o teu corpo envelhecido, mas não cansado, devolvê-lo à terra de onde veio e à qual tanto amaste e serviste, terra que te recompensou talvez com muito mais do que havias pensado, mas não tanto quanto dela havias merecido!...

Outros já recordaram os traços marcantes e inconfundíveis da tua personalidade, já lembraram as tuas atividades, os cargos que honraste com o teu saber e com a tua probidade. Eu me limito a repetir com êles: foste um varão digno e justo, nôbre e leal.

Sob a face de uma austeridade que apenas servia para mal encobrir a enormidade do teu coração e da tua bondade - foste o amigo e o conselheiro de tôdas as horas, desprendido de vis interêsses e de mesquinhas ambições.

Diz um provérbio antigo, vindo da sabedoria do oriente, que, "ao nasceres, tu choravas e todos sorriam; faze com que ao morrer todos chorem e só tu sorrias".

Não vi na tua face, hoje, o sorriso que esperava - mas tu não os esbanjavas com facilidade e talvez, por isso, o tenhas escondido de todos os que te choram, e que aqui te cercam, neste momento angustioso de te devolver à terra de que somos feitos e ao pó donde viemos.

Orvalhado pelas suas lágrimas, neste penumbroso crepúsculo trago-te, velho amigo, o meu adeus!

Que a luz do Senhor, que iluminou os dias de tôda a tua vida, te inunde na Eternidade - e que a Sua paz sele o encontro com aqueles que te esperam em seus pórticos, aqueles que foram a razão da tua vida e aos quais o Senhor já chamou.

Repousa em paz, envolto nas nossas saudades, meu bom e querido Henrique Fontes.

Tu, agora, pertences à posteridade!

AS DUAS COLONIAS ITAJAÍ

Os historiadores que se ocuparam da colonização do Estado de Santa Catarina fazem sérias confusões relativamente às colônias denominadas Itajaí. O próprio Jacinto Matos, o mais autorizado autor que tratou do assunto, confunde as duas colônias criadas pela Lei nº 11, de 1815.

Segundo êsse autor a Colônia Itajaí foi fundada em 1836, no Rio Itajaí-Açu. Isso não corresponde à realidade dos fatos.

De acôrdo com aquela lei, foram criadas duas colônias: Uma no Itajaí Mirim e outra no Itajaí Açu, cada uma com dois arraiais. A Colônia do Itajaí, foi a que se esbeleceira nos terrenos do Pequeno Itajaí, nas terras em que, em 1860, Araújo Brusque fundou a outra Colônia Itajaí, depois Brusque.

Milliet de Saint Aeolphe, no seu "Dicionário Geográfico e Histórico e Descritivo do Império do Brasil", editado em Paris, em 1845 dá a seguinte descrição: "ITAJAÍ - nome de duas colônias, sôbre o Rio de que se intitularam e diferenciadas sob apelidos de Grande e Pequena. A de Itajaí Grande foi fundada pelo Imperador Dom Pedro I, com 17 famílias alemãs às quais se agregaram alguns brasileiros. Em 1839, contava essa colônia com 152 colonos, trinta deles casados. Cultivavam mandioca, cana de açúcar, alguns cereais e fabricavam aguardente. A de Itajaí mirim, ou pequeno, foi fundada mais tarde na margem de um ribeiro que deságua no Itajaí e em 1841 contava unicamente com 35 colonos, 3 dêles com mulher que cultivavam os mesmos comestíveis. Devia-se demarcar os terrenos respectivos destas duas colônias, cada uma das quais havia de constar de 18.000 toezas de terra e tratava-se de abrir uma estrada entre a Colonia de Itajaí Grande e a Vila de Lajes por meio das matas, o que não foi avante por inconvenientes que se encontraram a 15 léguas da Colônia, os quais motivaram a suspensão dos trabalhos preliminares."

Como se vê, a confusão é grande. Em outra oportunidade, tentaremos, em artigo especial, deixar bem claro o assunto, que tem argumento para um estudo bem substancioso.

Em 1912, aproveitando a estrada da Serra-Lajes-Blumenau, atravessaram o Município de Blumenau, com destino aos mercados de Joinville, Brusque e Itajaí, 7.268 cabeças de gado vacum, e 928 cavalos destinados à venda e ao corte. O Estado arrecadou, de impostos, sôbre êste transporte, 14:5000\$000. A maioria desse gado atravessou Blumenau valendo-se das estradas Rodeio, Benedito, Caminho Pomeranos, Rio do Têsto até o Morro da Luz. Apesar do Estado arrecadar soma tão alta, o município nada cobrava, apesar de a ele competir a conservação das estradas servidas pelas tropas.

FIGURAS DO PASSADO

JORGE AUGUSTO BÜCHLER



Os fastos blumenauenses são ricos de exemplos dignificantes. Em todos os ramos de atividade de sua gente, desde os longínquos dias da fundação da Colônia, houve personalidades e gestos que, registrados pela história, assinalam exemplos dignos do encômios e de imitação. Personalidades e fatos que honram as nossas tradições que orgulham Blumenau.

Uns no campo das atividades agrícolas, outros no comércio e nas indústrias, outros nas ciências, outros ainda no ensino público e nas belas fetras, houve homens que se destacaram pelo seu saber, pelas suas virtudes, pelo seu patriotismo, pela sua dedicação à comuna, pelo seu amor

ao trabalho e que prestaram assinalados serviços à coletividade e a Nação.

No número destes bravos batalhadores pela causa do progresso de Blumenau, cabe destacada precedência a um modesto professor da nossa antiga Escola Nova. Chamava-se êle Jorge Augusto Büchler e nascera a 21 de maio de 1884, em Steinbach, perto de Michelstadt, na província de Hessen, na Alemanha. Fêz seus estudos primários em sua terra natal, completando curso de madureza em Darmstadt, em 1903. Pensava em seguir um curso de Matemáticas. Teve, porém, que desistir desse intento por falta de meios pecuniários. Formou-se em pedagogia no seminário de Benstein em 1904. Com o propósito de conseguir meios para continuar, posteriormente, os seus estudos, aceitou um contrato para vir lecionar em Blumenau, na Escola Nova. Aqui chegou

em dezembro daquele mesmo ano, passando a dar aulas de matemática e inglês nesse estabelecimento de ensino, então instalado em prédio que ficava no local da atual Biblioteca Municipal. De professor passou, posteriormente, a diretor da Escola. Suas atividades se prolongaram de janeiro de 1904 a junho de 1917.

Homem inteligente e ativo, não se limitou à tarefa de professor. Estudava também. E estudava, principalmente, a nossa língua que chegou a dominar com grande perfeição. Teve que deixar o magistério em virtude da primeira guerra mundial e dedicou-se, então, ao comércio, até 1930. Dêste ano até 1936 dirigiu a Escola Alemã de Florianópolis. De 1937 a 1938 foi diretor da Real Schule de Joinville. Posteriormente, foi diretor da Escola Alemã de São Paulo, sendo, depois, forçado a abandonar o magistério em virtude da segunda guerra mundial, voltando para Santa Catarina e passando a residir em Rio do Sul. Depois da guerra seguiu para Jaraguá do Sul, onde veio a falecer.

Como professor da Escola Nova, de Blumenau, êle fôra, também, dirigente da "Sociedade Escolar Alemã para Santa Catarina" e redator do órgão dessa Sociedade, "Mitteilungen" onde deixou interessantes estudos pedagógicos. Era consultor do Consulado alemão para assuntos escolares. Durante a sua estada em Florianópolis, redatoriu o periódico "Die Kolonieschule". Em 1907 submeteu-se a exame de suficiência perante as autoridades estaduais de ensino, tendo sido aprovado com distinção.

O seu trabalho, em Blumenau sobretudo, foi extraordinário. Já não falando na sua dedicação ao ensino, da sua estaturidade e eficiência como professor, Büchle se distinguiu como autor de vários trabalhos didáticos de indiscutível valor. Sua obra principal, sem dúvida, foi o "Portugisische Sprachbuch fur Kolonieschulen" ("Livro da lingua portugêsa para as escolas coloniais"), ou seja, uma gramática do vernáculo, ensinada e explicada em alemão. Com êsse trabalho, Büchler prestou um extraordinário serviço à mocidade daquela época, quando, por falta de escolas públicas, pela imprevidência dos governos na orientação e fiscalização do ensino primário no Estado, as nossas crianças dificilmente encontravam oportunidade para aprender a lingua de sua pátria. Se outra contribuição o professor Büchler não tivesse dado ao progresso cultural de Blumenau, êsse seria bastante para consagrar-lhe o nome e torná-lo credor da gratidão da posteridade. A gramática portugêsa de Büchler é um trabalho bem esquematizado, com explicações claras, com muitos exer-

cícios de conversação, com interessantes e oportunos vocabulários. Foi publicado em 1914 pela editôra de G. A. Koehler, aqui mesmo em Blumenau e teve ampla repercussão em tôda a zona colonial, não apenas de Santa Catarina, mas do Rio Grande também. Sua aceitação foi a melhor prova da sua excelência. Como complemento dessa obra, Büchler publicou, pouco depois, "Verdeutschungesheft" (Cadernos para as traduções do português para o alemão) e "Der Lehrplan" (plano de ensino) e um "Guia de Conjugação de Verbos portugueses", além de uma "Aritmética Elementar", em 3 volumes.

Büchler era apaixonado pela matemática. E era um matemático verdadeiramente capaz. Tanto assim que, tendo o seu colega de magistério (de quem já tratamos em um dos números passados destes Cadernos) Rudolfo Damm, chamado a sua atenção para o célebre problema de Fermat, Büchler meteu na cabeça que o resolveria. Segundo se sabe, êsse problema era tido como insolúvel por muitos grandes matemáticos da época.

A proposição era a seguinte:

" A equação $X^n + Y^n = Z^n$ não tem solução em bases inteiras, sendo $n = 2$. »

Büchler, depois de ter enchido páginas e páginas de cálculos, chegou a conclusão diferente, com a seguinte afirmativa:

"Em conclusão: a equação $X^n + Y^n = Z^n$ tem solução em bases inteiras quaisquer, sendo $n = 1$; terá solução, ainda, com o expoente $n = 2$, fazendo-se $X = 2b$ ($a + b$), $Y = a$ ($a + 2b$) sendo $a =$ qualquer número ímpar, $b =$ número par ou ímpar, primo com a ."

A êsse respeito e enunciando todos os calculos que fizera para chegar a êsse resultado, Büchler fez publicar um folheto. Teve a satisfação de ver confirmados êsses cálculos por matemáticos de grande renome na Europa, como o Dr. Paulo Bachmann, de Estocolmo, o Dr. Gerard de Michelstadt, Prof. Dersch de Darmstadt e outros.

A de Büchler foi, realmente, uma existência proveitosa e, prestando, nas páginas destes "Cadernos", à memória deste erudito professor, uma homenagem sincera e de inteira justiça, queremos deixar assinalados os trabalhos que êle realizou em benefício da cultura do povo blumenauense, para que êste os tenha sempre como exemplos dignos do respeito e da estima geral.

Disseminação do Pinheiro Brasileiro

P. Raulino Reitz

Um assunto que entusiasma todo biólogo são os estratagemas usados pela natureza para a dispersão natural da semente na época de sua maturação.

As causas da disseminação podem ser intrínsecas, como por exemplo, no próprio ato da deiscência a semente poderá ser expelida para longe como no caso das Bauhinias (Patás de vaca), mas são principalmente extrínsecas, entrando em ação o vento, as águas, os animais, etc.

Motivado pelo tamanho e peso do pinhão quero crer que os fenômenos naturais do vento e da gravidade são os que menos contribuem para a disseminação do Pinheiro Brasileiro (*Araucaria angustifolia* (Bertol.) O. Kuntze). Cai a semente sob os ramos da árvore mas onde não tem vez para crescer, pois o espaço está ocupado.

E' nos seres vivos, especialmente nas aves e nos roedores que vamos encontrar os principais agentes da disseminação do pinhão, para não falar no índio que tendo no pinhão um grande alimento involuntariamente deixa cair, cá ou lá, um pinhão. Não poderemos mesmo excluir de todo o próprio plantio pelo índio, já que é conhecido o hábito agrícola de muitos do nossos autóctones.

Entre as aves sobressai a barulhenta gralha como a maior benfeitora da propagação da *Araucaria*, pois tem como hábito esconder algum pinhão, após sua refeição, para reserva. Esquece-se dando vez à germinação da semente. Cêrca de uma meia dúzia de espécies de galhas vivem na Araucarilândia brasileira acompanhando indiscretamente o homem intruso da floresta com seus gritos desagradáveis e malcriados. A gralha azul (*Cyanocorax caeruleus* Vieillot) de plumagem azul e topete preto é que contribui mais na disseminação do pinhão. E' comum ver pinhões germinando dentro dos troncos fofos do xaxim bugiu (*Dicksonia sellowiana* (Presl) Hook.) o que por afirmação do mateiro é resultado de ato da gralha.

A família dos Psitacideos que povoa ricamente os pinhais é aqui representada especialmente pelos papagaios, maitacas, maracanãs e tirivas. Sua ruidosa refeição é feita não somente sobre os pinheiros, mas também sobre outras árvores mais distantes. Testemunhas desta afirmativa são os butiazeiros entre cujas bases de folhas secas é comum verem-se pinhões e mesmo pinheirinhos em desenvolvimento. Estas sementes de pinheiro foram carreadas por essas aves para longe da árvore matriz, donde muitas caem no chão e germinam.

Entre os animais de pêlo creio que os roedores são os que disseminam mais os pinhões. Entre êles se ditingue a cutia, à qual na Amazônia é quase exclusivamente atribuída a disseminação da Castanha do Pará. Roe o "ourico" libertando a semente e após sua refeição carrega algumas castanhas para longe enterrando-as como reserva. Esquece muitas sementes, exa-

tamente como faz a gralha. Também outros roedores como ratos, preás, ouriços, pacas e, porque não aceitar o lampeiro serelepe, por aqui mais conhecido como coati-côco, são animais que exercem mais ou menos o mesmo papel de disseminadores do pinheiro. Ao observador acurado não escapa o facto de os pinheiros muitas vêzes nascerem entre pedras ou em tocos de pau o que sugere terem sido as sementes levadas pelo roedor ao seu esconderijo. Sem dúvida o macaco o mono também desempenham grande papel nesta tarefa.

Temos ante nós mais um cativante capítulo sôbre a interdependência entre os reinos vegetal e animal. O soberbo pinheiro não podendo ajudar-se a si mesmo na disseminação de suas pesadas sementes, torna-se humilde servindo de alimento a tantos animais e mesmo ao homem. Neste seu sacrifício está a sua glória: faz amigos que se encarregam de propagar sua espécie.

Em tórno de uma lâmpada de querosene

CURT KLEIN

Sou amigo do progresso. Dou valor à luz elétrica. Mas... tenho uma lâmpada a querosene que me é muito cara. Está em desuso, guardada em cima dum armário. Só de quando em vez é usada, nas horas em que falta a luz elétrica. Torna, então, a brilhar como nos velhos tempos, em que não havia ainda a iluminação moderna.

É uma lâmpada antiga. Pé inteiriço de porcelana com adornos característicos de há quase cem anos passados, com a imagem de uma dama à moda daqueles tempos. Os colecionadores de antiguidades, se soubessem da existência da minha lâmpada, decerto me ofereceriam bom preço por ela.

Minha lâmpada tem história. Desde o tempo de minha meninice vi-a na mesa das refeições, na minha casa paterna. Iluminava as noites da minha juventude e, quando saí da casa dos pais para viver a minha própria vida, recebi-a de presente da minha muito estimada mãe. E estava em uso diariamente. Viu nascer os meus primeiros filhos; viu a nossa faina para ganhar o pão de cada dia, viu falecer uma querida filha, até que instalaram em nossa casa esta luz moderna à eletricidade. Dai em diante ficou na reserva.

Mas não é só esta a história da lâmpada, e sim data de tempos mais remotos. Meus pais, quando casaram, receberam-na

como presente de núpcias. E logo entrou em uso. A primeira moradia dêles fôra no Encano, ou, como se dizia, no Kannebach. Era em 1879. Um ano depois, em 1880, sucedeu aquela enchente que tanto prejuizo causou à jovem fundação do Dr. Blumenau. A casa dos pais encontrava-se na região atingida pelas enchentes. A primogênita, a irmã mais velha, tinha apenas meses de existência quando o rio Itajaí começou a encher. E cada vez mais célere cresceu o volume das águas. Desceu a noite, e as águas crescendo, crescendo. Já atingiam o limiar da casa. Não restava senão fugir. Não puderam esperar, pois para chegar até a casa do avô, o "Vater Paupitz" no Passo Manso, tinham de atravessar uma baixada que ia ser inundada também. Levaram a pequena Ida nos braços, deixando a casa a mercê das águas, pois estas vieram com tanta rapidez que não restou tempo para mais nada.

Dias depois, quando voltaram para casa, encontraram tudo em estado desolador. Morreram as galinhas no galinheiro, os porcos no chiqueiro. E as mobílias, as roupas...! Tudo cheio de lama! A cômoda, servindo de guarda-roupa, virara. As águas tinham subido até meia altura das paredes. Uma lâmpada muito bonita, presente de núpcias também, que estava na cômoda, quebrou quando virou o móvel. A outra lâmpada encontrava-se na mesa de refeições. Como a mesa boiara sem virar, a lâmpada ficou inteira. O bichano acocorara-se perto da lâmpada também e, diversos sinais deram testemunho de sua angústia diante de tão estranho fenômeno.

Anos depois, meus pais moravam em Indaial. Uma noite o pai tinha ido ao ensaio de canto com o regente Engelmann, quando caiu uma trovoada com vento forte. E no sotão tinha uma janela aberta, no oitão. A mãe, de lâmpada em punho, subiu a escada para fechar a janela. Antes de chegar ali caiu um raio, atingindo o oitão, partindo a parede e causando bastante prejuízo. Com o estrondo e a pressão de ar a mãe caiu de joelhos. "Mas não larguei da lâmpada", disse-me ela mais tarde, não sem um certo orgulho.

Anos após os pais moravam no lugar denominado Rio Morto, perto de Indaial. Lá nasci e lá conheci a lâmpada como foco de iluminação na grande mesa de refeições. Sem dúvida, nossa mãe era boa cozinheira. Sabia preparar, com os poucos recursos de que dispunha, refeições saborosas, nutritivas e saudáveis. E Deus nos abençoou o prato. Mas, os sábados, que horror

para a petizada! Havia a sopa dos sábados, feita com carne de gado e mais alguns ingredientes de não sei o quê. Parece que somente os pais é que gostavam.

Sábado era o dia, em que o Passig, velho empregado do tio Heinrich Holetz do "Sandweg" trazia, de madrugada, a carne, seguindo para Apiúna, na sua viagem de venda de carne verde.

As noites de sábado eram mais interessantes. Todos os familiares reunidos na cozinha, depois do banho obrigatório. A mãe, fazendo saborosa fritada com a carne cozida. Já o cheiro despertava o apetite.

De repente, uma voz sonora diante da casa: "Zeitung"! Era o Passig, de volta da sua viagem. Costumava trazer da agência Hoeschl o nosso semanário "Der Urwaldsbote." Um dos filhos corria, solícito, para pegar o esperado "mensageiro da mata virgem". E a mãe, entre o serviço, não resistia à tentação de abrir ligeiro o jornal para ver que novidades trazia o semanário. O pai, que não fazia questão de ler êle mesmo, gostava quando a mãe lhe lia as novidades. "Marie", costumava dizer, "leia alto!"

E depois de uma leitura das novidades, surgia o apetitoso jantar, a fritada da carne cozida, que tanto desgosto nos causara no almoço e de noite era tão gostosa.

E tudo isto à luz desta minha lâmpada. Quem diz que os objetos não têm valor senão o do comércio? Tudo é relativo. Às vêzes valem muito mais.

Não é de hoje que os "play-boys" vivem a fazer das suas aqui em Blumenau e, afinal, por todo o mundo. Em 1913- e êsse foi um dos casos dos muitos que a nossa história registra - já um grupo de rapazes entrou, de noite, na propriedade da firma "Laticínios Blumenauenses", que não era outra que o atual edifício do Almojarifado da Estrada de Ferro Santa Catarina e lá êles cometeram tôda sorte de estripulias. Quebraram os vidros das janelas, arrebentaram canos, cortaram cadeiras e móveis quase novos, defecaram pela casa tôda. Enfim, pintaram o diabo. Os jornais da época fizeram um alarde medonho, clamando por providência da polícia. Mas, como sempre acontece, os "engraçadinhos" deviam ter sido filhos de papai bem, pois a coisa ficou por isso mesmo...

MEMÓRIAS DE UM COLONO ALEMÃO

“Blumenau em cadernos”, em número 12, do Tomo VII, recentemente distribuído, publica interessantes memórias do colono Matias Schmitz que, em 1846, deixou a pátria, com sua família, e veio estabelecer-se na Colônia Santa Izabel, na Estrada Florianópolis-Lajes.

Narra êsse colono, em linguagem simples, sem digressões e despidã de atavios, a verdadeira epopéia vivida por um grupo de emigrantes alemães que, de uma pequena aldeia renana, veio ter a Santa Catarina.

O quê essa gente passou parece incrível. Embarcados no veleiro belga “Eridano” cujo comandante não passava de um desalmado, veio suportando as maiores necessidades, numa travessia de dois meses, entre os portos de Duquerque e Rio de Janeiro.

Fome, doenças, mortes, injustiças de tôda sorte êsses colonos sofreram até que, graças a intervenção do Imperador, fôsem enviados para as terras onde encontrariam, afinal, um pouco de confôrto, senão completa e feliz abastança.

Aquêles que, como nós, usufruem hoje os resultados que a colonização alemã trouxe ao Brasil, que vivem na comodidade de centros populacionais ricos e prósperos, em cidades florescentes, onde gozam de todos os benesses que a civilização proporciona, deveriam ler as memórias de Matias Schmitz. Deveriam lê-las e meditá-las.

E, conhecendo que o progresso e o bem estar de que desfrutam foram alicerçados com o suor, o sangue e as lágrimas dêsses verdadeiros heróis que, em dias já bem distantes, atiraram-se, corajosamente, a verdadeiras aventuras, de conseqüências imprevisíveis, hão de, por certo, ter em melhor conta o trabalho de seus ancestrais. E hão de saber honrar e glorificar êsse trabalho, os sacrifícios e as dôres que êle custou, como a mais preciosa das heranças e a mais cara de suas tradições.

Entre os fatos que Matias Schmitz conta nas “Memórias” a que nos referimos, há um que merece comentários esclarecedores.

Êle narra que, depois dos dantescos sofrimentos passados à bordo do veleiro que os trouxera da Europa, encontraram-se os colonos alemães atirados, como trastes imprestáveis, a uma praia de Niterói, sem abrigo e sem alimentação alguma.

Foi quando Matias Schmitz encontrou-se com um patrício seu, que já morava há algum tempo no Brasil e que se prontificou a acompanhá-lo até o Consulado da Prússia onde es-

perava ver acolhidas as suas queixas e achar remédio para as suas necessidades.

Segundo todas as probabilidades, êsse patricio fôra o próprio Dr. Blumenau, fundador desta cidade, que, naquela época, encontrava-se no Rio de Janeiro,

Realmente, em carta a amigos e parentes seus na Alemanha, Dr. Blumenau narra, indignado, o estado miserável em que encontrou um grupo de imigrantes alemães, recentemente chegado. Apresenta que se dirigiu ao Consulado da Prússia a fim de solicitar a interferência do respectivo cônsul, mas que fôra muito mal recebido.

Como elemento esclarecedor dessa passagem das memórias de Matias Schmitz, encontramos no trabalho do Dr. Carlos Fouquet "Vida e Obra do Dr. Blumenau" êstes conceitos que coincidem, perfeitamente com os que o colono de S. Izabel expressou:

"... o Dr. Blumenau teve de passar, no limiar do ano de 1847, por uma experiência que o tornou cético em relação aos cônsules e diplomatas alemães no estrangeiro. "Seduzidos pelas maquinações vergonhosas e informações falsas da Casa Delrue & Cia., de Dunquerque e de seus parceiros", chegaram ao Rio de Janeiro várrias de renanos, quase mortos de fome, e muitos dêles enfermos, devido ao mau passadio a bordo. Haviam ficado à mercê de si próprios, não sabiam como se arranjar, caíram na penúria e foram forçados a se dirigirem para uma Colônia do Dr. Saturni de Souza e Oliveira, a ser instalada no vale ainda pantanoso e insalubre de Macaá, ao norte de Cabo Frio. O Dr. Blumenau estava convencido de que essa gente sucumbiria ali. Efectivamente, dos 140 colonos que se deixaram iludir 23 morreram... Os que conseguiram fugir, entregaram-se à mendicância no Rio. Blumenau dirigiu-se aos cônsules dos Estados alemães, inclusive o Prussiano, solicitando-lhes assistência, sendo porém tratado desatenciosa e, por fim, mesmo descortêsmente. Encontrou finalmente apôio no Núncio Apostólico Badini. O núncio conseguiu que cêrca de 300, dêsses imigrantes fôssem transportados para Santa Catarina a expensas do govêrno brasileiro."

Como se vê, a narração do Dr. Blumenau coincide perfeitamente com a do colono Schmitz.

E, graças aos informes que nos manda o nosso prezado colaborador Dr. Carlos Ficker, o médico que socorreu os imigrantes chegados ao Rio quase mortos de moléstias e de fome, foi o Dr. Roberto Avé Lallemand que nos legou duas obras admiráveis sôbre as suas viagens pelo Brasil e de quem já temos tratado nestes "Cadernos".

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

RUA 15 NOVEMBRO, 25 - CAIXA POSTAL. 157

End. Telegr. "DISTRIBUIDORA"

BLUMENAU — Santa Catarina

DEPOSITÁRIA DE AFAMADOS PRODUTOS TÊXTEIS
FABRICADOS PELAS MELHORES FÁBRICAS DE
SANTA CATARINA

DEVEMOS A PUBLICAÇÃO DO TOMO VII
A COOPERAÇÃO DAS SEGUINTE FIRMAS, AS
QUAIS DEIXAMOS AQUI O NOSSO SINCERO RE-
CONHECIMENTO:

Artex S. A.
Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina
Carlos Koffke S. A.
Casa Coelho
Casa Flamingo Ltda.
Casa Husadel S. A.
Casa Peiter S. A. Comercial
Casa Willy Sievert S. A.
Comercial Blucar S. A.
Comércio e Indústria Walter Schmidt S. A.
Companhia Catarinense de Seguros Gerais
Companhia Comercial Schrader
Companhia Mercantil Victor Probst
Companhia Têxtil Karsten
Curt Metzger - Representações
Elétro Aço Altona S. A.
Ferragens Brueckheimer
Gráfica 43 S. A. Indústria e Comércio
Grande Hotel Blumenau
Hotel Rex
Indústria Têxtil Companhia Hering S. A.
Iracly Silva & Cia. Ltda.
José Sanches Júnior - Rua São Bento, 341 - INCO São Paulo
Livraria e Gráfica do Vale Ltda.
Lojas Hering S. A.
Madeireira Odebrecht Ltda.
Malharia Blumenau S. A.
Malharia Maju S. A.
NEITZEL - Corretores de Seguros Ltda.
Pedro Sant'ana - Polar
Prayon Metoplástica Ltda.
Relojoaria Schwabe - de Oswaldo Schwabe
Tabacos Blumenau S. A.
Tipografia Centenário Ltda.
Tipografia e Livraria Blumenauense
Transportadora Vale do Itajaí Ltda.